

CULTURA SEXUAL E IMAGINÁRIO LITERÁRIO: FENÔMENOS CONTEMPORÂNEOS DE INCLUSÃO SOCIAL

Marcelo Pessoa¹

RESUMO: Em 1922, fundou-se, no Brasil, a “Liga Brasileira de Higiene Mental”. Dentre suas estratégias, destacava-se a ideia de se impor a ordem por meio da higienização social, retirando-se do ambiente cultural, o homem que não aparentasse ser produtivo ao capitalismo ou que não tivesse pleno domínio de suas faculdades mentais – o que incluía, de forma velada, mas óbvia, os homossexuais. Em qualquer das situações apresentadas, o cidadão que não se “enquadrasse” aos ditames do *status quo* reinante (macho, branco, adulto, heterossexual, católico etc.) poderia ser considerado um ser que precisava ser privado do convívio social e trancado em hospitais psiquiátricos ou isolado para que passasse a viver à margem da civilização e do capitalismo e, assim, muitas vezes, sem acesso a direitos básicos como o do ensino escolar regular, ao próprio patrimônio privado e também à dignidade sócio-afetiva. A lógica era bem simples: o indivíduo “inadequado” seria afastado dos demais, para que não transmitisse sua “doença” às pessoas ao redor e não atrapalhasse o “progresso e a ordem da nossa nação” ou não interrompesse a evolução do capitalismo. Nasce desse contexto plural, então, nosso empenho em explorar o tema do homoerotismo, donde, para evitarmos referências muito recorrentes a nomes e contextos relativos à sociedade real, tomamos por estudo de caso, o fenômeno midiático e o literário que refletem, em parte, um pouco da necessidade de se procurar saber o porquê que a opção sexual expressa pela homossexualidade, apesar de todo o aparente discurso de inclusão social com o qual nos deparamos diariamente a ela associado – apesar ainda do fortíssimo apelo do *pink money*² –, continua sendo um dos grandes tabus-enigmas da civilização pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: discurso e sociedade; questões de gênero; *pink money*; *Bom-Crioulo*.

1. INTRODUÇÃO

A partir, então, do fenômeno literário e midiático acima mencionado, observamos subsequentemente que as edições do BBB 11, 12, 13, 14 e 15, invariavelmente, passaram a contar em seu elenco com participantes explicitamente representantes deste segmento sociocultural³. Outro fator midiático que nos chamou a atenção deu-se quando o programa “Na Moral”, sob o comando do jornalista e apresentador Pedro Bial, funcionário da mesma emissora global, levou ao ar a realização de um casamento *gay* num de seus episódios, exibido em 19 de julho de 2012. E, além disso, esta mesma emissora, passou a produzir telenovelas, de 2013 para cá, sempre pondo em evidência relacionamentos *gays* em seus capítulos.

Personagens travestis e transexuais não são novidades nessa seara. Para exemplificar, podemos citar os casos da personagem Ramona (vivida pela atriz Claudia Raia), em “As Filhas da Mãe” (2001), a personagem Sarita (vivida pelo ator Floriano Peixoto), em “Explode Coração” (1995), e a personagem

¹ Doutor em Letras pela UEL (2010), com pós-doutorado pela USP (2012), Departamento de Zoologia. Docente da UEMG, Campus de Frutal – MG, nos cursos de Comunicação Social, Administração e Sistemas de Informação. Contato: mpmarcelopessoa@yahoo.com.br. Link para o LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1863556911259481>.

² Esta expressão tem circulado em nossa sociedade, a partir dos anos 90. Contudo, ganhou força em vários lugares do mundo, a partir do momento em que os movimentos sociais em prol dos direitos e garantias dos homossexuais foram se avolumando. Desde então, o mercado, a partir de seus próprios interesses, passou a “incluir” os hábitos de consumo da comunidade homossexual em sua pauta, incentivando a segmentação de marketing destinada ao nicho *gay*. Assim, bares, boates, shows, cruzeiros, condomínios e, enfim, uma infinidade de produtos de luxo, de bens e de serviços foi criada, tendo por base o *pink money*, ou, simplesmente, o “dinheiro rosa”.

³ Vale a nota que, mesmo já em edições anteriores isto já acontecia, ainda que de modo subliminar. Fato que, na edição de número cinco do *reality big brother*, o vencedor foi Jean Wyllys, notório militante LGBT e que, depois, tornou-se deputado federal e defensor fervoroso das causas homossexuais na Câmara dos Deputados.

Ana Girafa (vivida pelo ator Luis Salém), em “Aquele Beijo” (2011). Em “Meu Pedacinho de Chão” (2014), a personagem Gina (vivida pela atriz Paula Barbosa) não é homossexual, mas a sua figura masculinizada e um tanto bruta gera comentários e olhares tortos por parte dos outros habitantes da pequena Vila de Santa Fé. [...] Já na novela seguinte, “Geração Brasil” (2014), o ator Luis Miranda surge como a travesti Dorothy. Nordestina e negra, a personagem carrega assim outras duas características que, invariável e infelizmente, ajudam a calibrar a carga preconceituosa de boa parcela dos brasileiros. [...] Em “Amor à Vida” (2014), o personagem Félix (vivido pelo ator Mateus Solano) e o personagem Niko (vivido pelo ator Thiago Fragoso), protagonizaram um beijo final que teve importância histórica para a televisão brasileira. [...] Na novela “Em Família” (2014), temos o casal “Clarina”, como ficou conhecido o relacionamento da personagem Clara (vivida pela atriz Giovanna Antonelli) e a personagem Marina (vivida pela atriz Tainá Müller). E, para finalizarmos a lista que poderia ser mais extensa, na novela “Babilônia” (2015), as atrizes Nathália Timberg e Fernanda Montenegro – respectivamente à esquerda e à direita na imagem abaixo –, levaram ao ar um beijo gay, na noite de 16/03/2015. Resultado: até hoje ainda corre a polêmica (adaptado de <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/opiniao/analise-globo-abre-armario-e-personagens-gays-invadem-novelas-3337>, 2015).



(imagem extraída de <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/por-que-o-beijo-gay-entre-fernanda-montenegro-e-nathalia-timberg-chocou-mais.html>).

Assim, um trabalho como o nosso, pretende, ao por tais questões em evidência na Universidade, chamar a atenção para um comportamento cultural latente de reversão histórica da segregação imposta aos antigamente eram chamados de “inadequados” (e que ainda hoje causam espanto), chamando-os à seara do consumo e da convivência social, quer seja pela inclusão digital televisiva, quer seja pela via consumista do *pink money*.

Ao mesmo tempo, vale salientar que nossa pesquisa detecta em nossa sociedade, uma gama enorme de representações sociais sobre o assunto, o que forçosamente nos obrigou fazer uma segunda opção pelos mesmos objetos de análise, ou seja, por em rota de comparação a representação literária e a midiática, propondo um diálogo entre um passado notoriamente conservador e arcaico, e um presente pretensamente de liberal e de vanguarda – quanto a isto, reportamo-nos aos estudos de Freud⁴ e Lacan, no seu seminário *O desejo e sua interpretação*⁵.

⁴ Dr. Sigmund Freud, pai da psicanálise, nasceu em 1856, vivendo até 1939. Fez grandes contribuições ao estudo da sexualidade humana, descrevendo seu desenvolvimento desde a infância. Foi o primeiro pesquisador a ousar dizer que as crianças eram dotadas de sexualidade desde o início da vida, que se auto-manipulavam em busca de prazer (prazer inicialmente oral, depois anal e finalmente genital). O estudo da sexualidade e de seus diferentes aspectos desenvolvimentais e clínicos passou a ter relevância a partir de seu trabalho intitulado “Três Ensaios Sobre A Teoria Da Sexualidade”. Desde então, uma série de estudiosos, pensadores e cientistas passou a buscar mais conhecimento a respeito desse complexo fenômeno biopsicossocial, tanto com referenciais psicanalíticos, quanto comportamentais e biológicos.

⁵ Lacan, em seu seminário ainda inédito, “O desejo e sua interpretação”, comenta, entre outras, a obra teatral de Shakespeare, “Hamlet”. Na sessão 22, de 27 de maio de 1959, ele diz que a obra de arte, no

Outro fator que nos chamou a atenção e que ilustra ainda mais o teor de nosso discurso, deu-se quando o programa *Na Moral*, sob o comando do jornalista e apresentador Pedro Bial, funcionário da mesma emissora, levou ao ar a realização de um casamento *gay* num de seus episódios, exibido em 19 de julho de 2012.

Assim, neste trabalho, pretendemos adicionalmente, ao por a questão em evidência, chamar a atenção para um comportamento cultural latente, ao mesmo tempo em que detecta em nossa sociedade, uma gama enorme de representações sobre o assunto, focando-se, em nosso caso, na representação literária do assunto, propondo um diálogo entre um passado notoriamente conservador, e um presente pretensamente de vanguarda, mas que, na pós-modernidade, continuam sendo negligenciados.

2. MATERIAIS E MÉTODOS DA PESQUISA

A partir de nossas observações quanto aos fatos mencionados, notamos que eles despertaram inúmeros desconfortos socioculturais, ao menos foi o que presenciamos nas ruas, nos corredores universitários etc. Só a título de amostragem dessa repercussão, coletamos informações que nos deram conta de que, quando pusemos a expressão “na moral casamento *gay*”, sem aspas, no *site* de buscas *Google*, o resultado, no dia 21/08/2012, às 10h33m, foi de 908.000 (novecentos e oito mil) indicações de *links* contendo discussões sobre o assunto.

A mesma expressão, “na moral casamento *gay*”, igualmente sem aspas, consultada no mesmo *site*, em 30/09/2013, às 21h29m, apesar de mais de um ano depois da primeira busca, ainda ofereceu o número de 399.000 (trezentos e noventa e nove mil) entradas sobre o assunto. E, mais recentemente, em 17/04/2015, realizando a mesma busca, obtivemos o resultado de 251.000 (duzentos e cinquenta e um mil) resultados. Ou seja, muito tempo depois de nossa primeira consulta ao *Google*, o tema “na moral casamento *gay*”, apesar do decréscimo de entradas sobre o assunto, ainda desperta o interesse de muitíssima gente e aponta, não mais para uma tendência comportamental sexualmente tendenciosa ou desvirtuante, mas, para uma realidade instalada em nossa sociedade e em nossa cultura.

Se alinharmos essa repercussão na mídia eletrônica às diversas reações populares que, diante das mesmas situações com a mesma conotação sexual, veremos que esta reação se dá de forma violenta para repelir ou para afastar de perto de si os membros dessa ou daquela minoria sociocultural, donde se verifica que o volume e a duração da repercussão são mais comuns do que inicialmente possa transparecer:

Freud defendia o ponto de vista cultural filosófico de que a cultura deve seu aparecimento à repressão impulsional, ou seja, à abstinência impulsional, o que também procurou demonstrar no problema de invenção do fogo. A ideia básica é que as conquistas culturais são sucessos de energia sexual sublimada, donde se depreende que a repressão sexual constitui fator indispensável de qualquer formação de cultura (REICH, 1988, p. 42).

Na mesma linha, se fizermos um cotejamento dessa super exposição *GLS* na mídia, tornada mais eloquente a partir do aval global, posta ainda à luz dos saberes da psicanálise relacionados à repressão libidinal com o imaginário religioso medieval, por exemplo, veremos que, num passado não muito distante, o desconforto social neste meio vinha à tona por meio do mesmo modelo de contenção sexual aludido acima por Reich. Isto é, a cultura de um tempo e de um povo se manifestava, dentre outras maneiras, também por meio da excessiva preocupação com a questão do prazer sexual, com os “perigos” da masturbação, da homossexualidade, e com outros tantos “desvios” ou desvirtuamentos sexuais.

Há livros clássicos sobre o tema no meio religioso. Exemplarmente, lembramos aqui a obra *A virgindade consagrada*, de Santo Agostinho, e o texto de *Ética - Fundamentos, Oração, Sexualidade*, de Martinho Lutero.

Nos tempos atuais, contudo, depois da “revolução sexual” consolidada nos anos de 1960, passamos a computar a repercussão do assunto via suportes midiáticos modernos como a internet. Nisso, vemos que em nossa sociedade ainda ocorre uma espécie de volta à era da sublimação e repressão sexual,

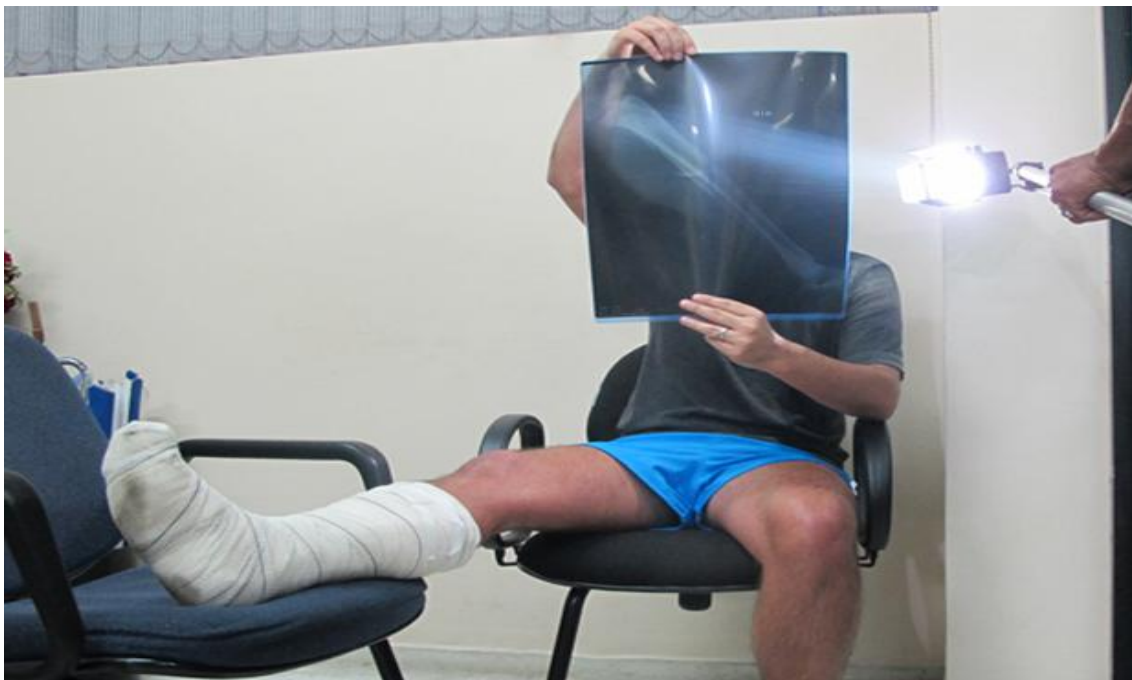
caso, obra de arte escrita, não pode ser considerada como uma transposição ou sublimação da realidade. Mais adiante, na mesma sessão, Lacan esclarece que a obra de arte não é paralela à ordem simbólica que estrutura a realidade humana. Ela é transversal a esta simbolização humana da realidade, ela tem a natureza de um corte que se efetua nessa realidade. E o que aparece, o que se constitui nesse corte, é o sujeito. Nas palavras de Lacan, nesse corte, o “real” do sujeito se manifesta.

nos moldes das:

Várias sociedades [que ainda] utilizam ritos de iniciação para que o menino se afaste do mundo das mulheres e renasça homem. Esses rituais comportam três etapas bastante dolorosas: a separação da mãe e do mundo feminino; a transferência para um mundo desconhecido; a passagem por provas dramáticas e públicas. Quando tudo é concluído, o menino é considerado homem. Em diferentes culturas e épocas, observa-se a preocupação com a idéia de que os filhos sejam contaminados pelas mães. Acreditam que, se não forem afastados delas, não é possível tornarem-se homens adultos (LINS, 2007, p. 159).

Mas, então, porque, apesar de uma consciência cultural histórica praticamente tribal, de cor emocional rupestre, que acolhe fenômenos como os da separação entre meninos e mães, comportamentos culturais tão arraigados socioculturalmente, como a homossexualidade, ainda despertam ou atraem para si tanto espanto, como se fossem novidades em nossa sociedade? Será, que é porque somos uma paradoxal mistura de aspectos primitivos, representáveis pelo concreto e pelo aço, associados a modernismos, representáveis pelos *terabites*, pelo *twitter*, pelo *Facebook*, podendo, às vezes, gerar atitudes absurdamente contrárias entre si, como hipereposição midiática em horários nobres de televisão, combinadas falsas inclusões via *pink money* sobreposta a atitudes repressivas, sublimantes ou agressivas?

Não se trata aqui, evidentemente, de darmos um tratamento consumista de *merchandising* à homossexualidade, discutindo o que se mostra explicitamente neste ou naquele *BBB* ou no *Na Moral*. Mas, sobretudo, de tentarmos entender a natureza de parte dos motivos dos “olhares” de assombro ou de mero interesse especulativo constatados via internet ou dos espancamentos nas ruas dos grandes centros urbanos destinados à comunidade *GLS* como o brutal ataque feito ao jovem Marcos Paulo Villa (foto abaixo) e ao seu namorado, na Avenida Paulista, centro financeiro de São Paulo, em 02/10/2011.



(imagem extraída de <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+Marcos+Paulo+Villa+atacado+na+avenida+paulista>)

A violência posta ali em evidência pareceu caminhar silente pelas vielas da cultura e da psique humana, oculta pelas máscaras de uma civilidade artificialmente enjaulada pelos interesses nem sempre claros do consumo, da política, da filosofia, encolhida dentro de uma gigantesca redoma de pseudos avanços tecnológicos. Em suma, vemos que a nossa agressividade é tão sublimada quanto a nossa sexualidade – e nisso, temos um inevitável encontro pós-moderno, entre Eros e a Civilização (MARCUSE, 1981).

3. DISCUSSÕES

3.1 O homoerotismo de Bom-Crioulo

Através da repressão sexual via expectativa da punição, a sublimação se expressa na impossibilidade da realização do desejo. Desse modo, o desejo e a fantasia humana em torno dos desejos sexuais reprimidos e ou condenáveis só podem se manifestar para além do imaginário coletivo por vias indiretas, ou seja, por seus substitutos metafóricos nas letras de um romance (ou nas imagens ficcionais de uma telenovela). E é o que parece ocorrer em *Bom-Crioulo*, ao se realizar uma zoomorfização, quando se compara o personagem central ao perfil de um bruto, de um animal:

Entretanto, o seu nome ia ganhando fama em todos os navios. – Um pedaço de bruto, aquele Bom-Crioulo! diziam os marinheiros. Um animal inteiro é o que ele era! Tinha um desejo ainda: suspirava por embarcar em certo navio, cujo comandante, um fidalgo, dizia-se amigo de todo marinheiro robusto; excelente educador da mocidade, perfeito cavalheiro no trato ameno e severo. Bom-Crioulo conhecia-o de vista somente e ficara simpaticando imensamente com ele. Demais, o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que se inventavam por aí... Ele, Bom-Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma questão à parte, que diabo! ninguém está livre de um vício (CAMINHA, 2002, p. 25).

Se Freud falava em deformações oníricas nas quais os conteúdos sofriam inversões ou mudanças de valor afetivo, na obra de arte ou na ficção, talvez seja mais adequado falarmos em deformações substitutivas, em que o autor encontra, em suas imagens e em seus personagens e tramas, a oportunidade de se expressar, de realizar-se a ele mesmo.

Como diz Lacan, o seu “real” se materializa, ou, enfim, seu desejo se expressa e, por sua vez, tanto a sociedade quanto as suas leis e estruturas organizacionais se tornam visíveis, por exemplo, por meio de uma lei moral, como a da heterossexualidade, em que a punição aparece nela enviesada pela censura indireta ao homossexualismo e de uma gama de outros desejos sexuais igualmente reprimidos.

Freud propunha que a produção dos escritores ficcionais poderia encontrar sua motivação nos sonhos diurnos ou fantasias humanas de um modo geral, como já dissemos. O que vemos em nossa análise, contudo, é que podemos levar adiante essa relação entre a produção literária e a representação que a partir dela se faz da estrutura social, evidenciando a partir dessa representação mecanismos intencionais ou inconscientemente entorpecidos do comportamento humano:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã (CAMINHA, 2002, p. 26).

O desejo último do possuidor é o de continuar possuindo ou dominando os limites de seu “objeto” de dominação, até mesmo quando o desejante está distante do objeto de desejo. Daí, então, dá-se mentalmente ao prazer, donde se permite continuar desejando para que a satisfação não permaneça recalçada em seu subconsciente. Desse modo:

Bom-Crioulo metia-lhe medo a princípio, e quase o fizera chorar uma vez, porque o encontrara fumando em intimidade com o sota de proa na coberta. O negro deitara-lhe uns olhos!... Felizmente não aconteceu nada. Mas, daí em diante, Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera (CAMINHA, 2002, p. 27).

Em *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha dribla nossa expectativa e a censura socialmente em nós condicionada e também a nossa própria repressão sexual recalcada. No fragmento abaixo, parece que temos a descrição de uma rotina de convivência corriqueira, comparável ao diário de um casamento hétero. Entretanto, a cena narrada em si não surpreenderia em nada, se não fosse pela natureza sexualmente “pervertida” de seus atores (e nisso, lembramo-nos dos fundamentos da “Liga Brasileira de Higiene Mental”):

Tudo avultava desmesuradamente em sua imaginação de marinheiro de primeira viagem. Bom-Crioulo tinha prometido levá-lo aos teatros, ao Corcovado (outra montanha donde se avistava a cidade inteira e o mar...), à Tijuca, ao Passeio Público, a toda parte. Haviam de morar juntos, num quarto da Rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo só uma, larga, espaçosa... Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com o seu soldo (CAMINHA, 2002, p. 32).

O que encontramos neste trecho são passagens que nos remetem à resignificação do ato sexual para a descrição social aberta e ao mesmo tempo fechada da vida militar. Seu enredo se parece com um cadáver que se sacode dentro do túmulo revoltado contra a própria morte a qual é obrigado a acolher, movendo as mordanças auto impostas da sociedade aos leitores, assim como o navio literário de *Bom-Crioulo* balanceia nossa mente, revirando os prováveis recalques de seus tripulantes (os leitores):

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo, de gozá-lo!... (CAMINHA, 2002, p. 29).

Porque Caminha fala-nos do desejo mais íntimo de seu personagem? Provavelmente é para que o leitor também catarticamente reprimido se delicie ou se liberte, seduzido que estará pela bela forma em que a cena nos é apresentada. Ao mesmo tempo, com sua censura, Caminha atua como narrador onisciente e nisso nos protege de reconhecermos-nos nesta cena da qual fazemos parte como sociedade, mesmo que pela censura social, da higienização ou da falsa inclusão do *pink money* sejamos excluídos dela como personagens e, por isso mesmo, desejando cada vez mais inconscientemente dela participar.

O livro de Caminha, em 1895, teve, em sua época, particularmente no que tange à sexualidade, o mesmo papel catártico que o que hoje têm o *Big Brother*, o *Na Moral*, o *Pânico na TV* e, por extensão, também os “falecidos” Orkut e MSN, e o atualíssimo *super star high tech* Facebook.

No caso de *Bom-Crioulo*, não é o provedor do *site*, mas o autor do romance quem nos dá essa oportunidade de nos satisfazermos diante de uma tela (permeada por *pixels* ou por letras, tanto faz), queiramos ou não, o nosso desejo de gozarmos virtualmente na fantasia de onde a pulsão encontra seu objeto, o olhar, ver, e ser visto, pois, olhando, identificamo-nos, ao mesmo tempo, com os personagens que observamos em seu passeio lúbrico, bem como defrontamo-nos com nossas próprias fantasias ou necessidades sublimadas:

Os anticoncepcionais surgidos na década de 1960 permitiram a dissociação entre o ato sexual e a reprodução, revolucionando os valores e as normas relativos à sexualidade. A homossexualidade, representante máxima dessa dissociação, em que é possível atingir um alto nível de prazer sem a menor possibilidade de reprodução, foi beneficiada socialmente (p. 282). [...] A sexualidade torna-se mais livre; ao mesmo tempo em que gay é algo que se pode “ser” e “descobrir-se ser” (p. 283) (LINS, 2007).

Portanto, o que importa saber ao estudarmos um exemplar da literatura como se fosse um estudo de caso clínico num consultório psicológico, não é somente de sua literariedade sob o ponto de vista da estética, mas, além disso, o que é que cada interlocutor faz com seus universos sexuais reprimidos aqui depositos, como eles se colocam em relação ao que leem no texto de Caminha.

Queremos saber, a bem da verdade, se há alguma realidade psíquica a ser apreendida, aquela que se constitui na própria obra como reflexo da realidade:

Um belo domingo, em que todos deviam se apresentar com uniforme branco, segundo a tabela, o grumete foi o último a subir para a mostra. Vinha irrepreensível na sua *toilette* de sol, a gola azul dura de goma, calças boca-de-sino, boné de um lado, coturnos

lustrosos. Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, ficou deslumbrado e por um triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. – Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje. Estava mesmo apto! (CAMINHA, 2002, p. 31).

Tal como em nossa análise textual, o significado só pode se realizar a partir dos dizeres do analista. Assim, a tal realidade psíquica dos interlocutores se constitui apenas no contido no universo do sujeito em sua própria fala, e a obra de arte pode ser uma confissão de seu autor, ou facilitar a confissão de seus leitores por meio dela:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... – Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza (CAMINHA, 2002, p. 38).

3.2 Um estudo de caso ou a expressão do descaso ou do ocaso da civilização?

O homoerotismo desperta elementos emocionais recalcados evocando cenários inconscientes diante de cenas em que o homossexualismo se faz presente. As imagens evocadoras desse recalque, em nosso caso, vêm-nos à mão por meio de imagens de televisão, de uma notícia de jornal ou do texto do livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Estas sensações a respeito da homossexualidade e suas manifestações conduzem-nos a outra questão que pode ser formulada assim: seriam estas demandas *GLS* características da nossa época ou, ao contrário, trata-se de angústias humanas atemporais e, portanto, próprias ao ser humano, as quais são constantemente revestidas com a roupagem do nosso momento histórico (no nosso caso, a pós-modernidade) e tecnológico (TV digital, internet, telefonia celular etc.)?

A noção de uma ordem instintiva não repressiva deve ser primeiramente testada nos mais “desordenados” de todos os instintos: os da sexualidade. A ordem não repressiva só é possível se os instintos sexuais puderem, em virtude de sua própria dinâmica e sob condições existenciais e sociais mudadas, gerar relações eróticas duradouras entre os indivíduos maduros. Temos de indagar se os instintos sexuais, após a eliminação de toda a mais-repressão, são capazes de desenvolver uma “racionalidade libidinal” que seja não só compatível, mas promova até o progresso para as formas superiores de liberdade civilizada (MARCUSE, 1981, p. 175).

Do embate teórico que se promove entre as considerações de Reich e Freud (via texto de MARCUSE, 1981), depreendemos uma combinação bizarra para os estudos do psiquismo humano que, de um lado, nos apresenta a repressão sexual, e de outro lado, o recalque da sexualidade, embora movimentos aparentados e constitutivos do psiquismo, a ponto de questionarmos se desejamos mesmo nos livrar de tais amarras.

Se considerarmos o percurso histórico de nossas preferências sexuais, vemos que em qualquer época e em qualquer cultura, o recalque libidinal sofre pouca influência da desrepressão aventada por Marcuse. Isto significa que uma maior liberdade sexual sentida a partir dos movimentos sexualmente revolucionários não tornou o contato da comunidade heterossexual com a homossexual mais simples ou tolerável:

Na Grécia clássica (século V a.C.), principalmente em Creta e Esparta, a homossexualidade era uma instituição, e os gregos não se preocupavam em julgá-la.

Constituía, assim como o amor pelas mulheres, uma manifestação legítima do desejo amoroso. Não consideravam o amor por alguém do seu próprio sexo e o amor pelo sexo oposto como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes. Se havia elogio ou reprovação, não era à prática de homossexualidade, mas à conduta dos indivíduos. Os termos homossexual e heterossexual eram desconhecidos na língua grega e para eles todo indivíduo podia ter preferência por rapazes ou moças, dependendo da idade e das circunstâncias (LINS, 2007, p. 263).

Fecundas inquietações surgem em nossa mente quando passamos a estudar a sexualidade e os signos de suas manifestações repressivas ou permissivas ao longo da história. Assim, deparamo-nos com outra tese (lembremo-nos dos textos de Martinho Lutero e Santo Agostinho), que nos remetem à mesma ideia da participação da tradição judaico-cristã na formação destes padrões sexuais, já que LINS (2007, p. 263) dá-nos a informação de que na Antiguidade Greco-Romana não havia preconceito ao homossexual, o que praticamente os exclui de nosso *background* intelectual sobre o assunto e, de certo modo, agrava a participação dos religiosos no contexto de construção da repressão sexual:

No final do século XII, Alain de Lille, em seu *Liber poenitentialis*, definiu o pecado contra a natureza como o despendar do sêmen fora do recipiente apropriado, e proscreveu a masturbação, a relação oral ou anal e a bestialidade, o estupro e o adultério como incluídos nessa categoria. Seus sermões sobre pecados capitais classificam sodomia e homicídio como os dois crimes mais sérios (LINS, 2007, p. 271).

Embora as bases contemporâneas dos valores éticos e morais de nossa cultura sexual encontrem suas matrizes na tradição judaico-cristã, cujos alguns dos pilares do modelo Lins acabou de nos apresentar, tais alicerces se consolidam mesmo após o enfraquecimento da influência da cultura clássica grega no mundo ocidental.

Assim, seria no mínimo injusto atribuir exclusivamente ao Cristianismo toda a culpa pelo recalque que os ocidentais desenvolveram em relação aos prazeres sexuais: o Cristianismo apenas fundamentou e preservou parte de um legado da cultura que ao longo do tempo passou a hostilizar o prazer e os diferentes modos de uso do corpo.

Uma das consequências disto sobre a sexualidade é que a prática sexual por puro prazer passou a ser considerada uma doença, e o desregramento homoerótico um castigo divino, um pecado, falta de pureza etc., transformando esta ou aquela prática ou opção sexual motivo para *apartheid* ou passível de higienização. A cura para esse mal, se Deus assim o quisesse, só poderia ocorrer por intervenção celestial. Tal cura, porém, não viria apenas de Deus. Como os semideuses da Roma pagã, os santos da Igreja Católica poderiam igualmente ser evocados para se alcançar o milagre da redenção sexual.

Apenas como exemplo de um tipo de redenção ou castigo divino seria o vírus da AIDS. Esse vírus se constituiu no grande inimigo da vida e do prazer sexual, cuja existência se justifica no inconsciente coletivo de grande parte da população pela lógica da repressão, cuja violação se constituiria num pecado para o qual a morte seria a melhor punição. Assim, o homossexualismo foi o primeiro reduto ao qual a origem do vírus foi reputada e, conseqüentemente, o maior grupo de pessoas estigmatizadas devido à doença da imunodeficiência.

Defende-se assim, por oposição indireta ao homossexualismo a opinião de uma sexualidade com o rótulo de "normal", conforme a natureza do comportamento sexual, cujo desvio, a depravação (*pravus*)⁶ seriam definidos como atos "contra a natureza".

Sustentam os defensores desse modo de ver as perversões que existem inclinações naturais nas coisas, e que tudo que é natural é bem visto por Deus. É nesta perspectiva que São Tomás de Aquino qualifica certas práticas sexuais de "contra a natureza" alegando uma natureza comum aos homens e aos animais:

No século XX, o homossexual continuou aprisionado. Hoje, ainda é visto por muitos como perigoso ou sem-vergonha e, na melhor das hipóteses, como doente e desviante.

⁶ - É somente a partir do final do século XIX e no século XX que o termo "perversão" tem sido usado em relação aos comportamentos sexuais que fogem à norma. Em sua origem, no sentido de uma "reversão", de um "retorno contra", o termo aparece pela primeira vez, em 1444, derivado do Latim "*perversio*". Sobre este ponto ver o trabalho de Carlos Augusto Peixoto Júnior. Cf. Peixoto Júnior. C., A., "Um breve histórico da perversão na sexologia do século XIX", In: Boletim de Novidades da Livraria Pulsional, São Paulo, XI, 105, 34-49, jan. 1998.

Duas razões podem explicar essas atitudes discriminatórias. A primeira deve-se à nossa ignorância: depois de 150 anos de estudos e polêmicas, ainda não sabemos definir com precisão esse comportamento fluido e multiforme, cuja origem não se conhece claramente. A multiplicidade de explicações reforçou o mistério e, portanto, a estranheza. A outra razão é de ordem ideológica. Uma vez que nossa concepção de masculinidade é heterossexual, a homossexualidade desempenha o útil papel de contraste, e sua imagem negativa reforça ao contrário o aspecto positivo e desejável da heterossexualidade (LINS, 2007, p. 275).

Assim, toda vez que a sexualidade se desvia da finalidade primeira que a referência animal e natural nos mostra – união de dois órgãos sexuais diferentes para a preservação da espécie – estamos diante de uma perversão: pedofilia, necrofilia, masturbação, heterossexualismo separado da procriação, homossexualismo, sodomia, bestialidade, zoofilia etc.

Observa-se também que, ao lado desse pensamento filosófico em torno da sexualidade, a tendência ao recalque deve-se também às exigências dos ideais estéticos e morais fixadas pela hereditariedade. Ou seja, a ontogênese reatualiza o capital filogenético dos comportamentos sexuais que foram estabelecidos como herança cultural – a hereditariedade como contingência explicativa do homossexualismo seria uma aquisição cultural – tal como postulada em *Totem e Tabu*, assim explicitada por Marcuse:

O termo perversões abrange fenômenos sexuais de origem essencialmente diferente. O mesmo tabu impera sobre manifestações instintivas incompatíveis com a civilização e sobre as que são incompatíveis com a civilização repressiva, especialmente a supremacia monogâmica genital. Contudo, dentro da dinâmica histórica do instinto, por exemplo, a coprofilia e a homossexualidade ocupam um lugar e têm uma função diferente. Uma similar diferença prevalece dentro de uma e a mesma perversão: a função do sadismo não é igual numa livre relação libidinal e nas atividades das tropas SS. As formas inumanas, compulsivas, coercivas e destrutivas dessas perversões parecem estar associadas à perversão geral da existência humana em uma cultura repressiva [...] (MARCUSE, 1981, p. 178).

Os chamados "efeitos nocivos da sexualidade" - práticas contra a natureza, uma vida conjugal promíscua, os perigos da masturbação, do coito interrompido, a homossexualidade, eram discutidos em uma perspectiva asséptica e repressiva.

É também em meados do século passado que aparecem novos nomes para velhas práticas sexuais, numa tentativa de se definir a especificidade de certas condutas sexuais; aquilo que hoje, na era das discussões sobre os gêneros e reposicionamentos das minorias, seria chamado de "direito à diferença":

Por exemplo, em 1869 o médico húngaro Benkert⁷ cria o termo "homossexualidade" a fim de transferir do domínio jurídico para o médico esta manifestação da sexualidade. Entretanto, como observa Foucault, enquanto o sodomita era aquele que praticava atos jurídicos proibidos, o homossexual do Séc. XIX "transforma-se em um personagem: um passado, uma história e uma infância; uma morfologia também, com uma anatomia indiscreta e talvez uma fisiologia misteriosa. Nada de seu todo escapa à sexualidade... O homossexual transforma-se numa espécie"⁸. Estão aqui lançadas as bases para aquilo que em nosso século será acentuado: os comportamentos sexuais são transformados em identidades sexuais (<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos>, acesso em 13/04/08).

Em nosso texto, portanto, a obra *Bom-Crioulo* aparece historicamente num contexto em que as diferenças sexuais ainda não eram bem-vindas, mas, a discussão, como vimos a partir de alguns teóricos, já existia subjacente. Atualmente, as contendas continuam, já a aceitação das diferenças, quase que mera teoria.

⁷ - BADINTER, E., "De l'identité masculine", Paris, Odile Jacob, 1992, p. 153.

⁸ - FOUCAULT, M., "La volonté de savoir", Paris, Gallimard, 1976, p. 59.

3.3 Considerações Gerais sobre a Sexualidade em *Bom-Crioulo*

A obra de Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo* é representativa ao mesmo tempo de aspectos do inconsciente abstrato da mente humana quanto de aspectos da realidade presentes nas interações socioculturais, especialmente nos termos de recorte até aqui expostos.

O romance em questão emerge da esfera do reduto meramente artístico e adentra na redoma do universo simbólico particular e coletivo. Embora centrada no Rio de Janeiro, e de dentro de uma ambientação essencialmente militar – a vida dos marinheiros –, a obra em voga deixa de lado as discussões relativas a uma e outra atmosfera (isto é, aos polos artísticos e do inconsciente coletivo da caserna) e propõe implícitos questionamentos sobre a sexualidade, sobre o imaginário e sobre os lapsos de violência a esse contexto associáveis:

E lá ia uma obscenidade, um calão grosseiro. Palavra puxa palavra, quase sempre o gracejo acabava em questões de outra ordem e daí prisões, castigos... Ora, aconteceu que, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à murada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados (CAMINHA, 2002, p. 16).

Veja-se que no trecho está subjacente a temática da repressão sexual quanto à masturbação, visível ao leitor a partir do emprego de expressões como “junto à murada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe”; “a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano” e “cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados”.

Ao lermos o fragmento acima, percebemos a existência de uma memória cultural de cunho judaico-cristã repressora sobre a sexualidade, pois o que se observa na cena narrada é entendido como desvio sexual (ver Alain de Lille, em seu *Liber poenitentialis*).

A aparente prática da masturbação, a qual se dá a entender, é vista como uma prática sexual desviante, que precisaria ser higienizada da sociedade. Ela, então, é explicitada e subentendida no relato de Caminha, e psíquica e sociologicamente inteligível, assim:

O criminoso aparece então como um ser juridicamente paradoxal. Ele rompeu o pacto, é, portanto, inimigo da sociedade inteira, mas participa da punição que se exerce sobre ele. [...] Efetivamente a infração lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual; de um só lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos. E tem mesmo que ser assim, pois aí está representada a defesa de cada um (FOUCAULT, 1987, p. 76).

No fragmento e nos trechos seguintes ao episódio narrado, vemos que o marinheiro flagrado na prática de um ato sexual social e moralmente condenável se torna alvo da ira de seu círculo de relações e, nos termos oferecidos por Foucault, passível de punição.

A comunidade marinheira no navio, se consolida como metáfora flutuante do mundo e das vozes sexuais reprimidas que nos chegam pelos ecos da história, e que se transfiguram e reificam na plateia de televisão diante dos programas e personagens *gays* midiaticamente expostos. As chibatadas públicas são exemplares, como ocorre no navio-cenário do texto de Caminha, ocorre na Avenida Paulista com o jovem Marcos Paulo Villa. O vínculo do singular violento com o imaginário coletivo se opera pela força da escrita que a um só tempo evidencia o problema e liberta o leitor e a plateia:

Segundo Freud, a civilização começa com a inibição metódica dos instintos primários. Podem-se distinguir dois modos principais de organização instintiva: a) a inibição da sexualidade, resultando em duradouras e crescentes relações grupais; e b) a inibição dos instintos destrutivos, conduzindo ao domínio do homem e da natureza, à moralidade individual e social (MARCUSE, 1981, p. 105).

O individual e o coletivo são tocados simultaneamente e, no caso dos marinheiros, a pena é exemplar porque soa como alerta simbólico para os demais marinheiros. Assim, o ser humano se manifesta como sujeito agente e paciente, ao mesmo tempo do prazer e da dor, e seu psiquismo se satisfaz numa consciência de si mesmo socialmente racional e simultaneamente idílica:

De repente, porém, Bom-Crioulo teve um estremeção e soergueu um braço: a chibata vibrava em cheio sobre os rins, empolgando o baixo-ventre. Fora um golpe medonho, arremessado com uma força extraordinária. Por sua vez Agostinho estremeceu, mas estremeceu de gozo ao ver, afinal, triunfar a rijeza do seu pulso (CAMINHA, 2002, p. 20).

Há situações em que a obra de arte funciona como se fora um espelho, um duplo realista, onde o sujeito comum pode se ver e não se reconhecer: é essa uma das leituras de mundo que a estética do Realismo viabiliza por intermédio da obra de arte. Paradoxalmente ao Realismo, pelo mesmo viés, evidencia-se que existir no mundo pode ser apenas uma fantasia, dada à extrema força dos elementos repressores e, portanto, limitantes.

Entretanto, em qual esfera estaria efetivamente localizada a repressão sexual experimentada pelos marinheiros no trecho abaixo? Na realidade objetiva, na qual vive o homem comum ou no emaranhado subjetivo e catártico midiático ou redigido por Caminha, de onde derivam sujeitos transformados pela ressignificação simbólica de suas existências?

No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem. Grande foi seu desapontamento ao ver-se apanhado em flagrante naquela grotesca situação (CAMINHA, 2002, p. 17).

Vê-se que a realidade humana é mais uma abstração teórica a serviço deste ou daquele psicólogo, antropólogo ou sociólogo e menos uma prática efetiva dentro da qual nos colocamos voluntariamente dispostos, ainda, a acreditar em tudo que nela há. Só se pode mesmo é falar dela assim, híbrida, composta simultaneamente do falso e do verdadeiro.

Adolfo Caminha diz-nos de sua experiência pessoal diante das observações sociais que realiza e narra profeticamente nossa pseudo-realidade em sua obra.

Por isso, nessa observação lítero-midiática é tênue a fronteira entre realidade e abstração, pois:

A repressão sexual é um fenômeno curioso, na medida em que algo meramente biológico e natural sobre modificações revela algo quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação quando é deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História. Entretanto, a repressão não é apenas algo que vem de fora, submetendo as pessoas. As proibições e interdições externas são interiorizadas, convertendo-se em proibições e interdições internas, vividas sob a forma de vergonha e culpa (LINS, 2007, p. 243).

A ideia de práticas sexuais desviantes, como a masturbação foi, como vimos, duramente condenada por parte da sociedade e pela Igreja. De mesma índole recriminatória, o derramamento de sêmen humano também.

Desse modo, a trama de *Bom-Crioulo* está ligada aos valores simbólicos da sexualidade do homem pela linguagem. O que ela produz é uma representação da realidade em forma de metáforas sexuais contínuas e simultâneas, as quais apenas nos horizontes da convivência humana em sociedade se tornam possíveis desvendar-se.

No caso da obra de Adolfo Caminha, o estilo realista é marcado pelas analogias sexuais, ora vistas sob a ótica da repressão, ora da exacerbação. Por meio delas instiga-se a catarse, embala-se o sonho e a fantasia deixando-se em evidência pela linguagem metafórica aquilo que talvez seja o objeto do desejo de quem lê seu texto. Assim, o autor desperta, a partir de sua construção literária, a função de satisfação pulsional implícita no inconsciente humano:

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos. [...] Quando havia conflito no cais Pharoux, já toda a gente sabia que era o Bom-Crioulo às voltas com a polícia. [...] O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiadadamente um segunda-classe, porque este ousara, “sem o seu consentimento”, mal-tratar o grumete Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “coisas” (CAMINHA, 2002, p. 19).

Finalmente, apesar de cumprir bem o caráter de trecho de amostragem, o que vemos neste fragmento, no entanto, é que ainda não é por formas diretas ou tampouco explícitas, que o desejo do personagem Bom-Crioulo pressente sua realização. Há no excerto apenas uma menção, uma inferência sugerida ao leitor em torno da ideia de que Bom-Crioulo estivesse “defendendo” o grumete, isto é, o marinheiro iniciante Aleixo, devido aos interesses sexuais que ele, Bom-Crioulo, nutria em relação ao jovem.

Contudo, tal referência torna-se mais evidente, à medida que a trama se desenrola por meio do envolvimento do leitor com a linguagem do romance, como vemos na sequência do mesmo trecho que se segue:

Reconhecia que fizera mal, que devia ser punido, que era tão bom quanto os outros, mas, que diabo! estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem... Depois estimava o grumete e tinha certeza de que o conquistara inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeítíssimo! (CAMINHA, 2002, p. 19).

O personagem que protagoniza a trama – Bom-Crioulo –, cujo destino é sempre vencer, dada à força das descrições e atributos que lhe são impingidos pelo narrador –, tem o amor de todas as mulheres, mas deseja um ser do mesmo sexo, e nota-se que nisso está sua majestade. É daí que a particularidade e a coletividade catártica são enunciadas, e que o contrassenso sociocultural se agiganta, fazendo desse dilema do tempo passado, o embaraço do tempo presente.

4. CONCLUSÃO

Podemos dizer, de um lado, que a literatura e a mídia, sob a ótica dos significados sociais que produzem, estariam na ordem da decifração da metáfora, da exposição do imaginário coletivo ou mesmo da magia, na qual o sentido não aparece de forma imediata ou instantânea – seus sentidos precisam de certo tempo para virem à tona. De outro lado, vemos que a programação de televisão, repleta de exposições eróticas, de excessivo nudismo e de pouca valorização da privacidade, tende a confundir na mente das pessoas os horizontes do que é crível ou do que é simplesmente inventado. Noutros termos, quero dizer que sabemos que na literatura há um consenso entre leitor e autor, em que ambos concordam na promoção de um apagamento das fronteiras da realidade, por ser o mesmo que dizer que na TV, nas telenovelas, isso também por ser assim. E, em especial, naqueles programas que se auto-intitulam *reality shows*.

A realidade deles é tão parecida com a nossa, que chegamos a acreditar que aquilo não é uma produção televisiva orientada para o entretenimento e para o consumo. *Na Moral* não obedece à linha do *reality*, mas também não fica fora desse mesmo formato. O *Big Brother* é o *reality* por excelência, assim como o *A Fazenda*, da TV Record – todos incluem, só que para fora: pobres, gays, o anônimo, farão parte do *show*, desde que concordem em se tornar simultaneamente produto e consumidor.

A sexualidade a nu, nas telas da televisão, longe de ser impactante, é mesmo gratificante. A catarse invade as salas de jantar das famílias e, por pequenos momentos, a plateia se desaloja de seu exoesqueleto civilizacional e se permite “fantasiar” perversidades consumistas e sexuais à meia luz.

É oportuno salientar que a psicanálise estaria na ordem da metonímia ou do chiste, isto é, dos efeitos surpreendentes a que determinadas construções de sentido podem induzir, uma vez que os significados psicológicos daquilo que deixa transparecer, mesmo que parcialmente durante o processo, ao final da história pode ser compreendido ou remetido para outros horizontes de significação.

Isso colocou mídia, literatura e psicanálise em nosso trabalho no mesmo divã sociocultural, uma vez que todas as possibilidades semânticas por nós articuladas não se constituem em veredictos, mas apenas em direções prováveis, em perguntas e apontamentos parciais sobre as compreensões possíveis da natureza humana por meio das letras do texto de *Bom-Crioulo* ou dos pixels das imagens *gays* das telenovelas.

Com isso, não dizemos com isso que a metáfora esteja ausente na psicanálise, uma vez também que o texto completo, a obra, ela mesma em si, poderia ser considerada como uma metáfora do desejo sublimado de seu autor. O que não necessariamente o torna um ser homoerótico, mas um indivíduo partícipe de uma coletividade igual a de seus leitores, isto é, analogamente catártica e auto-realizada diante do que lê, ainda que recalcada ou sublimada.

No tempo intervalar do “breve”, do instante, é que a personalidade se deixa revelar. No instante remoto do intervalo comercial da TV ou da entrelinha de Caminha, então, pudemos tentar compreender a personalidade dos personagens – reais, ficcionais, não sei. Não nos interessa analisar a origem ou a qualidade do desejo de qualquer um dos atores em particular. Interessou-nos desenvolver nesse trabalho olhares esparsos e duvidosos sobre as certezas que tínhamos sobre o assunto, a fim de que as consequências do estudo pudessem ser moralmente mais aceitáveis.

Podemos apontar que a leitura de um texto literário pode ser realizada de um modo comum, dileitante, crítico, ou, analítico. Tal como nas associações subjetivas que faz aquele que conta seu sonho, temos, no texto literário, a mesma oportunidade de nos deparar com o fantasma subjetivo de quem escreve e o quê anima esta escrita. Em ambos os casos, sente-se a presença do desejo e da pulsão de uma individualidade ou de uma coletividade.

Vemos aqui uma oportunidade de se alcançar algo do estilo de quem captura a imagem, de quem escreve. E perguntamo-nos se na contundência do tema de “Babilônia” ou de Caminha, o viés do discurso homoerótico fica mais por conta do caráter controverso dos posicionamentos sociais, culturais, religiosos do que de sua própria intenção de assim o fazê-lo.

O que a mídia e arte finalmente nos ensinam a esse respeito é que o sujeito do desejo é, sobretudo, um suposto culpado *a priori*. Ele somente se realiza e também se destrói naquilo que faz. Ou seja, naquilo em que ele é feliz reside toda a sua ruína. O que a obra nos informa sobre o nosso modo de viver neste mundo, está sob a ótica da mais-repressão e, portanto, o desejo é um vazio, uma falta, um nada, um reencontro impossível com uma cena originária de vida que só pode ser alcançada na plenitude de uma morte ou por sua reconstrução na fantasia através de um conjunto significante que toma a forma de um enredo, de uma imagem, de um caso clínico, de uma história real ou inventada, mas, de qualquer modo, sempre interessante de ser lembrada, mas jamais comprada por dinheiro algum, seja qual for a sua cor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- FREUD, S. (1908). El poeta y los sueños diurnos. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. v. 2, p. 1343–1348.
- JUNIOR, Durval Wanderbroock. *A Educação sob Medida - os testes psicológicos e o higienismo no Brasil (1914-45)*. Maringá: Eduem, 2009.
- LACAN, J. (1951). Abertura desta coletânea. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1958). *Seminário 06: O desejo e sua interpretação* (inédito).
- LACAN, J. (1966). *Seminário 13: O objeto da psicanálise*. (inédito).
- LINS, Regina Navarro. *A Cama na Varanda*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização – Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

Sites e Mídias Eletrônicas

- <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos>, acesso em 13/04/08.
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Pink_money, acesso em 09/03/2014.
- http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/ponto_de_vista/2014/07/17/Faturando-o-pink-money.html, acesso em 11/05/2015.
- <http://brasileiros.com.br/2011/06/o-poder-do-pink-money/>, acesso em 11/05/2015.
- http://televisao.uol.com.br/album/personagens-gays-novelas_album.htm, acesso em 11/05/2015.
- <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/por-que-o-beijo-gay-entre-fernanda-montenegro-e-nathalia-timberg-chocou-mais.html>, acesso em 11/05/2015.
- <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+Marcos+Paulo+Villa+atacado+na+avenida+paulista>, acesso em 11/05/2015.